

EaD na escola presencial torna-se educação híbrida: reflexões sobre os desafios dos professores ao articular espaços presenciais e a distância da mobilidade digital

Marilene S. S. Garcia¹

Resumo: Este artigo objetiva ponderar sobre alguns desafios que devem fazer parte da reflexão contemporânea sobre abordagens e inovações que os ambientes presenciais e móveis nas escolas que, direta e indiretamente, absorvem os diferenciais da Educação a distância em seu cotidiano por conta do formato do ensino híbrido. Essa reflexão visa tanto discutir a prática cotidiana quanto à formação de professores a partir do momento em que são projetadas mudanças substanciais no que se refere aos perfis, contextos, formas de mediações tecnológicas móveis, à oferta de tecnologias personalizadas digitais e às metodologias adequadas às demandas do ensino híbrido. As ponderações aqui apresentadas, na forma de sete desafios, foram extraídas de uma pesquisa mais ampla sobre o uso de aplicativos por jovens em seus dispositivos personalizados, em que se buscou responder à questão sobre o acesso e a oportunidade de aprendizagem. Esses aspectos sinalizam para uma preparação mais engajada dos professores, no sentido de construir redes de interação, com trabalhos de planejamento coletivos, incorporados a tecnologias de informação e comunicação. Dessa forma, constata-se que o professor, que se situa em meio a essas mudanças contínuas, deve ter um papel cada vez mais participativo, dialógico e promotor de boas parcerias, seja com seus colegas seja com alunos, a fim de refletir e superar esses desafios. O estudo foi pautado teoricamente em autores como Horn & Staker (2015), Christensen (2016), Bacich (2016), Almeida (2002), Garcia (2017), entre outros, que tratam o ensino híbrido e suas metodologias ativas, bem como os diferenciais da mobilidade tecnológica.

Palavras-chave: Formação de professores. Mobilidade tecnológica. Metodologias ativas. Ensino híbrido.

Abstract: This article wants to ponder on some challenges that take part of the contemporary reflection on approaches and innovations in the scholar environments with mobile. They, directly and indirectly, assimilate the differentials of distance education in its hybrid format. This article aims to discuss daily practice as well as the teacher training from the moment they use forms of technological mediation, they try offer of personalized technologies and active methodologies suited to demands. The ideas that are here presented, in the form of seven challenges, drawn from a broader survey on or use of applications by young students with their personalized mobile devices. The main question to respond were about the access like opportunity of apprenticeship. These results are used for a better preparation of teacher, whose has

¹ Professora do Mestrado em Educação e Novas Tecnologias – UNINTER- PR. Autora dos livros: *Mobilidade tecnológica e Planejamento didático*. Editora Senac-SP, 2017 e do livro *Avaliação e validação de projetos*. Editora Senac-SP, 2018. E-mail: marilene@uol.com.br.

not yet a sense of building networks of interaction, collective planning tools, incorporated into information and communication technologies. In this way, we must wait from teacher methodologies for increasingly participatory and dialogical partnerships with their colleagues and students, in order to reflect about these new challenges. These discussion were theoretically ruled by authors such as Horn & Staker (2015), Christensen (2016), Bacich (2016), Almeida (2002), Garcia (2017), Ausubel, 2003, among others, who are dealing with the hybrid and their active methodologies, as well as mobile technology.

Keywords: Teacher training. Distance education. Hybrid learning. Active methodologies. Mobile-learning.

Introdução

A problemática destacada neste artigo diz respeito a um novo cenário que se apresenta aos professores no momento em que eles têm a possibilidade de desenvolver e aplicar metodologias híbridas de ensino, que combinam a realidade de sala de aula com o mundo digital e móvel. É como se vivêssemos um momento de Educação a distância no ensino presencial. Isso demanda domínios diferentes para o profissional que tem mais experiência das práticas presenciais e deve atualizá-las em função de expandi-las para domínios da não presencialidade física. Naturalmente, esse profissional deve abastecer seus referenciais também a partir da percepção de quem são seus alunos e como integrar, de melhor forma, programas e processos educacionais.

Foram levantados sete desafios os quais originam-se de uma pesquisa maior que focou o uso de aplicativos móveis em contextos de aprendizagem², bem como das suas possibilidades de mediações de ensino híbrido. Partiu-se de duas hipóteses para constituir tais desafios: 1) o professor ao buscar as metodologias ativas e híbridas deve refletir sobre a coerência e eficácia de suas ações, ao mesmo tempo em que deve aplicar abordagens criativas e críticas, trabalho colaborativo entre seus pares e alunos, bem como formas avaliativas e planejamento de ações; 2) o professor tem condições de se preparar, a partir de suas práticas e autoavaliação, como também buscar suporte para atender aos emergentes desafios metodológicos, comunicando-se mais sobre suas dificuldades e entendendo de forma mais significativa seu papel e de seus alunos.

² Tais contextos eram híbridos, dialogando com metodologias presenciais e digitais, bem como formais, não-formais e informais, e fez parte de minha pesquisa de Pós-doutorado que questionou a relação entre o acesso aos aplicativos de dispositivos móveis e as oportunidades de aprendizagem, desenvolvida na PUC-SP | TIDD.

A questão de formação continuada de professores torna-se, nesse sentido, pertinente e urgente, na medida em que, em sala de aula, o professor interage com alunos que demonstram habilidades e competências tecnológicas, imersivas e comunicativas, com alta fluência digital, advindas muitas vezes de aprendizagens não-formais, ou seja, aquelas não institucionalizadas, realizadas a todo momento e a distância.

Ao mesmo tempo, constata-se que esses alunos têm livre acesso a muitas formas de tecnologias em ambientes fora da escola; usam videogames, acessam aplicativos móveis, sites, redes sociais, fazem programação, dominam alguma forma de pensamento computacional, realizam projetos de robótica aplicada e inserem-se em cultura maker, que materializa ideias em protótipos.

Esses aspectos moldam perfis de aprendizes que direta ou indiretamente desequilibram práticas já consolidadas em termos de educação e tecnologia em ambientes formais e presenciais de ensino, de modo a questionar e a forçar a construção de novos diálogos pedagógicos que, por um lado, possam absorver o conhecimento sobre esse perfil de aluno (ALVES, 2016; GOLEMAN, 2014) e que, por outro lado, possam, a partir desse conhecimento, propor práticas mais adequadas e desafiadoras que ampliem as dimensões cognitivas (ALMEIDA, 1996), afetivas, de socialização demandadas por tais contextos híbridos, ampliados também pela mobilidade (GARCIA, 2017).

Para efeito deste artigo, foram descritos sete desafios, os quais devem servir como estímulos para aprendizagens mais significativas (AUSUBEL, 2003), engajadas e que produzam relações colaborativas, pensamento criativo e crítico. Os desafios incorporam, sobretudo, a reflexão sobre o mundo digital móvel com seus aspectos híbridos, que vão além da combinação entre ambientes presenciais e não presenciais de aprendizagem, e também de aprendizagens ativas e centradas no estudante (HORN & STAKER, 2015). O fundamental é discutir as metodologias que amparem esses percursos, como evidencia Vickery (2016) ao entender processos de escolhas e práticas sustentados por discussões entre professores.

O fato a destacar é a possibilidade de educar indivíduos a partir da troca de experiência e expansão dos olhares sobre capacidades de buscar conhecimento. Assim, o ensino híbrido, segundo:

(...) promove uma integração entre o ensino presencial e propostas de ensino online, valorizando as melhores formas de promover diferentes experiências de aprendizagem aos estudantes (...) Assim, podemos considerar que os dois ambientes de aprendizagem, a sala de aula considerada "tradicional" e o ambiente virtual de aprendizagem estão tornando-se gradativamente complementares. Isso ocorre porque, além do uso de variadas tecnologias digitais, o indivíduo interage com o grupo, de forma presencial ou online (BACICH, 2016, p 1).

Trata-se de uma abordagem que valoriza aspectos individuais, coletivos e de colaboração. Nesse contexto, a relação professor-estudante torna-se ainda mais produtiva, quando o foco deixa de ser a mera transmissão unilateral de conhecimentos e passa a ser a orientação dos estudos, a tutoria, e mediação de práticas tecnológicas (DINIZ, 2016).

A base dessas constatações parte do princípio de que existem diferentes tipos de aprendizagem, bem como variados tipos de ensino e abordagens que, na medida em que são explorados para uso em sala de aula, adquirem sentido pela conduta do professor e os objetivos a serem alcançados.

Em estudo realizado por Christensen (2016)³, sobre a proporção de tempo utilizado por professores ao trabalharem com o ensino híbrido, constatou-se que eles usam mais tempo na orientação de grupos, chegando a 30% e com a orientação de grupos de trabalho, os professores investem 23% de seu tempo em sala de aula. Também há ações de orientações e apoio a alunos trabalhando sozinhos com ou sem softwares, representando 14% e 12%, respectivamente.

Essas informações atestam a preocupação de saber gerenciar eficazmente a distribuição do tempo em ações consistentes e bem elaboradas pelo professor. Segundo Diniz et al. (2015):

³ No referido estudo, foram entrevistados professores da rede de escolas americanas Universo do Ensino Híbrido, do qual participaram 44 professores.

Com a disponibilidade cada vez maior de ferramentas digitais que podem colaborar no processo de ensino e aprendizagem, voltamos a discutir questões que, em algum momento, foram deixadas de lado. Uma delas é “como oferecer uma educação que contemple as diferentes necessidades dos alunos na contemporaneidade? (DINIZ et al., 2015, p. XII).

Para Garcia (2017), o contexto da mobilidade tecnológica nesses aspectos demandam bons planejamentos e ações articuladas em todos os níveis da escola, a fim de que haja comprometimentos e usos qualificados de recursos tecnológicos combinados aos humanos.

Os sete desafios

Quando se tem em mente as formas e funções da aprendizagem por mediação de tecnologias móveis, constata-se já **o primeiro desafio**, a partir de Diniz (2015), que é o da expectativa de resultado da aprendizagem, que é tornar os aprendizes mais produtivos, engajados, criativos e colaborativos com uso de ferramentas digitais e móveis. Para que isso aconteça, deve haver um trabalho de observação sobre suas habilidades individuais e sociais dos aprendizes. Assim, o professor poderá reconhecer o que pode aplicar de forma mais adequada, processos de mundo digital e presencial, com seus alunos.

O **segundo desafio** é criar bases de engajamento afetivo, que moldem e proporcionem boas parcerias com outros professores para, por exemplo, ampliar capacidades cognitivas individuais e coletivas nas atividades propostas, para resolver problemas e criar soluções, bem como comunicá-las à comunidade intra e extraescolar. Isso também envolve perceber e trabalhar em projetos o senso de pertencimento na comunidade escolar.

O **terceiro desafio** é fazer o professor criar práticas que transitem tanto no mundo digital quanto no presencial sem perder a pertinência nem a conexão entre eles. Assim, poderá ofertar aplicações para o aprofundamento cognitivo, com vivências e reflexões, incluindo novas redes de diálogos com alunos, bem como aprofundamentos, registros, estratégias de estruturação de ambientes de trabalho, entre outros.

O **quarto desafio** é saber desenvolver aprendizagem adaptativa, incorporando interesses e preferências dos aprendizes, ao mesmo tempo em que possa escolher em que momento é melhor utilizar metodologias presenciais e em que momento são mais adequadas as digitais, praticando metodologias híbridas. A aprendizagem adaptativa como uma forma de ajustamento de uma ou mais características do ambiente de aprendizagem móvel em favor das necessidades individuais dos aprendizes (BILIC, 2015).

O **quinto desafio** é trabalhar continuamente com estímulos à aprendizagem, que estão inseridos em espaços de múltiplas possibilidades propiciados pela mobilidade, os quais, ao mesmo tempo em que atraem os alunos, criam mundos paralelos, destacam-se no design e propostas de interação, ampliam o lugar e o tempo da aprendizagem, afetam fatores de motivação, foco, atenção, distração (GOLEMANN, 2014), interação, colaboração (MATTAR, 2013), em como modelam relações que promovem sentimento de presença (TORI, 2010), pertencimento e de participação dos envolvidos.

O **sexto desafio** é saber conviver com as redes mais abertas de influências e interesses múltiplos, que criam possibilidades de interação com diversificados objetos de aprendizagem e com pessoas ou desviar desse trajeto. Os alunos convivem nesses contextos transitórios e ubíquos e tornam-se, cada vez mais, indivíduos ativos no mundo digital (HORN & STAKER, 2015). As tecnologias móveis permitem ações educacionais “pervasivas” que podem ajudar a conciliar trabalho, estudo e lazer de forma significativa e incentivar o trabalho colaborativo (MOURA, 2010).

O **sétimo desafio** é saber aproveitar as tecnologias sociais em benefício da aprendizagem.

os usos sociais de nossos novos mecanismos de mídia estão sendo uma grande surpresa(...) Mas o uso de uma tecnologia social é muito pouco determinado pelo instrumento, quando usamos uma rede a maior vantagem que temos é acessar uns aos outros (CLAY, 2011. p. 19).

Logo, o fenômeno da aprendizagem móvel aponta dificuldades de percepção sobre as mudanças que atingem nossa forma de pensar, de nos organizarmos, no movimento contínuo de busca e construção de novos conhecimentos. Isso envolve capacidades que devem ser trabalhadas pelo professor, as quais incluem

planejamentos, domínios de recursos, formas de registro e de fontes de conteúdo, estratégias para solução de problemas, habilidades para comunicar e partilhar informações etc.

Considerações finais

Os desafios são mais amplos do que os apontados neste artigo, contudo já podem desencadear uma série de reflexões e práticas efetivas nas relações de aprendizagem desempenhadas no contexto da escola híbrida. É importante incluir ativamente professores e pedagogos como protagonistas dessa realidade da conectividade móvel, sem se desapegarem do espaço real da escola. Eles também podem beber das fontes de experiências metodológicas advindas do âmbito da educação à distância.

Existe uma lógica de aprendizagem que passa pela construção do conhecimento na qual há duas principais exigências: uma relativa à iniciativa do aluno, seu autoestímulo em aprender, questionar sobre os fenômenos e buscar soluções, e outra relativa ao professor que orienta esse processo e redimensiona as tarefas de ensinar a aprender, envolvendo-se em uma contínua revisão e ampliação de práticas.

Enviado: 15 dezembro 2017

Aprovado: 15 março 2018

Referências

ALMEIDA, Leandro. Cognição e aprendizagem: como a sua aproximação conceptual pode favorecer o desempenho cognitivo e a realização escolar. In: *Psicologia: teoria, investigação e prática*, I (1), 17-32, 1996.

AUSUBEL, David Paul. *Aquisição e retenção de conhecimentos*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.

BACICH, Lilian. Minha experiência na formação de professores para o ensino híbrido. In: *Infogeek*. Out, 2016. Disponível em: <<http://info.geekie.com.br/formacao-ensino-hibrido/>>. Acesso em: 12 de mar. 2017.

BILIC, Bill. O que é a aprendizagem adaptativa. In: *Formação, educação e tecnologia*, 2015. Disponível em: <<https://www.d2l.com/pt-br/blog/o-que-e-a-aprendizagem-adaptativa>>. Acesso em: 12 de mar. 2017.

CHRISTENSEN, Clayton M. O ensino híbrido permite ao professor usar o tempo de modo mais eficiente? In: *Porvir*, 2016. Disponível em: <<http://porvir.org/ensino-hibrido-permite-ao-professor-usar-tempo-de-modo-mais-eficiente/>>. Acesso em: 11 de mar. 2017.

DINIZ, Ana Maria; Mizne, Denis; BACHICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de M. Apresentação à edição brasileira. In: HORN, Michael; STAKER, Heather. (Orgs.). *Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

GARCIA, Marilene S. S. *Mobilidade tecnológica e planejamento didático*. São Paulo: Editora Senac-SP, 2017.

GOLEMAN, Daniel. *Foco: a atenção e seu papel fundamental para o sucesso*. São Paulo: Editora Objetiva, 2014.

HORN, Michael; STAKER, Heather (Orgs.). *Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

MATTAR, João. *Web 2.0 e redes sociais na educação*. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

VICKERY, Anitta. *Aprendizagem ativa: nos anos iniciais do ensino fundamental*. Porto Alegre: Penso, 2016.